

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP



**Estação
das Letras
e Cores**

Fotografia e as telas midiáticas: comunicação e tecnoimagética

Wagner Souza e Silva

As telas vêm se consolidando como a principal interface de acesso à experiência midiática e reforçam um pressuposto de que o uso de imagens foi fundamental para a ascensão da permeabilidade social dos meios de comunicação. Isso parece evidenciar, portanto, que há uma relação simbiótica entre imagem e mídia – termo aqui apreendido em seu sentido como expressão do conjunto de tecnologias e instituições da comunicação de massa (LIMA, 2012) –, fazendo com que conceitos e abordagens a respeito de uma dita “imagem midiática” possam ser articulados como instrumentos teóricos pertinentes para auxiliar pesquisas de objetos diversos no campo da comunicação social.

Essa premissa é o cerne sustentador de minha atual disciplina oferecida no PPGCOM-ECA, “Imagem e mídia: a comunicação sob a autoridade das telas”, que busca conduzir uma revisão de alguns influentes marcos teóricos sobre as imagens midiáticas, com o objetivo de apresentar e explorar um repertório conceitual a respeito das dimensões técnica, estética e política das formas de produção imagética que acompanharam a ascensão dos meios. Partindo de uma cronologia tecnológica, desde a *câmara obscura* renascentista ao *touchscreen* dos dispositivos contemporâneos, o conteúdo programático da disciplina objetiva oferecer instrumentos teóricos para observar a tela

em sua relevância comunicacional, observando-a como tecnologia de convergência e expressão das variadas técnicas, gêneros e usos da imagem. Trata-se de um duplo mapeamento: de ordem tecnológica, de modo a garantir os subsídios concretos para o entendimento das hibridações e transversalidades entre os dispositivos de produção e divulgação de imagens; e de ordem teórico-filosófica, para apresentar alguns dos modelos interpretativos da imagem midiática, a fim de garantir uma aproximação aos caracteres ontológicos e epistemológicos que envolvem o tema.

Nesse sentido, central é o conceito de *imagem técnica* (ou *tecnoimagem*), de Vilém Flusser (2002; 2008), não somente por sua abrangência teórica para atender a um contexto de convergência imagético-midiática promovida pelas telas, mas também por ter a fotografia como âncora genealógica, evidenciando-a como um fenômeno cultural determinante para caracterizar as imagens desse universo de produção visual fortemente mediado por tecnologias, elas que se tornam cada vez mais complexas em termos de estrutura e funcionamento algoritmizado, ao mesmo tempo em que sua instrumentalidade se torna mais acessível. A fotografia, a primeira das tecnoimagens, carrega as balizas fundamentais desse universo tecnoimagético, esse que apresenta uma amplitude que envolve todas as tecnologias que surgiram a partir dessa lógica de produção imagética cristalizada no século XIX. Cinema, vídeo, TV, e mesmo as imagens sintetizadas computacionalmente que se condensam nas telas, devem à fotografia o seu ponto de partida. Reconhecimento esse que também foi explorado a partir de minha primeira disciplina no PPGCOM, “Tecnoimagética: produção e circulação da imagem na comunicação contemporânea”, oferecida entre os anos de 2013 e 2020¹, cujo conteúdo foi absorvido como parte da já mencionada disciplina atualmente em oferecimento no programa.

¹ As oito edições de oferecimento desta disciplina foi, de certa maneira, materializada no e-book *Tecnoimagética: vida esparramada em superfícies* (SOUZA E SILVA, 2021), disponível no portal de livros abertos da USP, cuja sinopse aqui destaco: “Esta publicação reúne contribuições de mestres e doutores que cursaram a disciplina Tecnoimagética: Produção e Circulação da Imagem na Comunicação Contemporânea, como parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É esse ambiente didático-pedagógico que está por trás da presente coletânea de textos, que reflete as trocas de experiências, repertórios e interpretações a respeito dessa temática. Assim, é certo que este livro tem a intenção de contribuir para os estudos da imagem na comunicação, mas é também seu objetivo compartilhar a experiência da sala de aula de pós-graduação como espaço de convivência, debate e aprendizado”.

A fotografia tem sido o objeto de pesquisa sobre o qual mais me debrucei, após meu ingresso no programa, em 2013, e sua inserção nesse percurso de formatação dos conteúdos programáticos para as disciplinas evidencia a preocupação de se garantir uma aproximação entre minha produção científica e a linha de pesquisa em que atuo, “Linha 2 – Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos”. Um objeto que, importante dizer, deu continuidade às investigações consolidadas no doutorado, intitulado Foto 0/Foto 1 (SOUZA E SILVA, 2016a), e que também se sintoniza com minha dedicação às disciplinas pelas quais sou um dos responsáveis nos cursos de graduação em Jornalismo e Editoração da ECA: “Projetos em Fotografia Documental”, “Fotografia e Imagem em Editoração”, “Jornalismo Visual: Fotojornalismo e Design da Notícia” e “Laboratório de Fotojornalismo”. É possível enquadrar os projetos de pesquisa e a produção científica resultante dos últimos dez anos dentro de uma articulação entre fotografia, tecnologias digitais e redes, no contexto da ecologia das mídias, esse que é um dos eixos caracterizadores da linha de pesquisa em que me insiro.

De início, o projeto “Fotografia na Cultura Informacional” (2011-2013) observou a paisagem prática da fotografia contemporânea regida pelas inovações tecnológicas do universo digital, entendendo que a cultura da informação, com seus dispositivos híbridos, softwares diversos e redes sociais abrangentes, estabelecia uma dinâmica de circulação de imagens com efetiva participação na definição do numérico como nova condição epistemológica para a construção do conhecimento. Nesse sentido, a ideia de documento, bastante alinhada com a prática fotográfica convencional, parecia reconfigurar-se, influenciando fortemente os papéis sociais que sempre foram atribuídos à fotografia, visto que, preponderantemente, ela sempre foi praticada como técnica de representação fiel da realidade. O projeto buscava observar a inserção da fotografia nas práticas da cultura informacional, assumindo que uma nova consciência documental passaria a ser exigida, sugerindo uma redefinição das potencialidades de sentido para as suas imagens.

Como primeiro projeto de pesquisa enquanto professor, é necessário salientar que a sua temática foi também motivada pelos

anos de prática como fotógrafo documentarista junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, coisa que se deu ao longo de pouco mais de dez anos que antecederam a realização do doutorado. Essa proximidade empírica com o fotodocumentarismo, que foi e continua sendo determinante para o meu percurso de formação e atuação como pesquisador², também influenciou as premissas do projeto seguinte, “Interfaces digitais da fotografia” (2014-2017), que observou como os modos de edição, visualização e compartilhamento das fotografias nas telas eletrônicas eram regidos por softwares que traziam verdadeiras narrativas de acesso e manipulação, determinando lógicas operacionais que influenciavam diretamente o caráter estético e o potencial informativo da fotografia. Assim, essas interfaces deveriam ser encaradas como uma chave fundamental para a compreensão da fotografia contemporânea. O projeto partia da hipótese de que haveria uma estética fotográfica que parecia emergir dessas condutas préestabelecidas e programadas de manipulação digital, e objetivava investigar como essas interfaces poderiam definir novos parâmetros para determinar o valor informativo das imagens fotográficas.

Há uma evidente intersecção entre ambos os projetos, tornando-os um processo de refinamento do recorte da fotografia como objeto de pesquisa. A produção científica do período, que pode ser representada por artigos como “A condição pós-histórica da fotografia” (SOUZA E SILVA, 2014b), “Fotografia e interfaces digitais: convergência entre produção, comunicação e significação” (SOUZA E SILVA, 2015a) ou “O estatuto documental da fotografia na era digital” (SOUZA E SILVA, 2015b), evidenciou a premência de se tomar as redes sociais como um fenômeno incontornável para se pensar a prática e os usos da fotografia em qualquer direção. Isso se manifestou em artigos como “Redes de imagem e o (tele)fotójornalismo” (SOUZA E SILVA, 2016b), “O Instagram e as narrativas de desenquadramento

2 Ainda antes de finalizar a graduação em Rádio e TV pela ECA-USP, em 1997, ingressei como fotógrafo documentarista no MAE-USP, assumindo, posteriormente, também o cargo de chefe da seção de produção gráfica e audiovisual. Após meu ingresso como professor na ECA-USP, venho mantendo minha atuação como fotógrafo, mas somente através de colaborações com projetos de extensão universitária, fotografando acervos institucionais para divulgação científica.

fotográfico” (MONFRINATO; SOUZA E SILVA, 2017) – redigido em coautoria com uma orientanda de iniciação científica – e, principalmente, no artigo “Imagem e subjetividade: narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade” (SOUZA E SILVA, 2014a), que motivou a realização do projeto de pesquisa “Fotografia e comunicação: redes sociais e a dimensão afetiva da imagem”, desenvolvido em Portugal, entre dezembro de 2014 e março de 2015, na Universidade Nova de Lisboa, mais especificamente junto ao CIMJ – Centro de Investigação em Media e Jornalismo, e sob a supervisão do Prof. Dr. Francisco Rui Cádima.

O crescente protagonismo do Instagram naquele momento (em dezembro de 2014, foi anunciado que a plataforma ultrapassava o Twitter em número de usuários) demonstrava como a prática da fotografia ganhava significativo incremento com a ainda recente hibridação gadgets-rede. Uma configuração sustentada pela mobilidade e conectividade dos smartphones, dotados de câmeras com qualidade técnica crescente e aplicativos de fácil manuseio para intervenções plásticas atraentes, banalizando as possibilidades estéticas da fotografia, o que gerava uma expressiva produção fotográfica pautada pela intimidade e os afetos. Dessa forma, o período de pesquisa na UNL teve o objetivo de abordar esse entrelaçamento de um despojamento estético com uma intensificação da dimensão afetiva da imagem, propondo que a fotografia nestes ambientes deveria ser analisada como uma prática menos ancorada no repertório conceitual das Artes e mais como um fenômeno midiático sob os domínios da Comunicação Social. Como estratégia de investigação, o projeto observou, naquele período entre dezembro de 2014 e março de 2015, a inserção do fotojornalismo no Instagram, em atenção à participação dos periódicos, fotojornalistas e usuários comuns, que, equalizados pelas mesmas interfaces e políticas de uso, já promoviam vasta documentação fotográfica em torno dos mesmos temas noticiosos, reforçando a autonomia da fotografia como um fenômeno midiático. Os resultados foram publicados no artigo “Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram” (SOUZA E SILVA, 2015c), trazendo conclusões que foram decisivas para formatar o projeto de pesquisa seguinte, em

vista do acento que promoveu no reconhecimento do potencial do fotojornalismo para refletir aspectos essenciais do entrelaçamento de emoção e informação.

Assim, em “Os afetos como valores-notícia: notas para uma teoria do fotojornalismo”, projeto iniciado em 2017, a intenção foi partir do fotojornalismo entendido como um mecanismo para se investigar em que medida um evento ganha status de notícia, mais por seu apelo afetivo do que por outros critérios de relevância. A ideia era subsidiar o debate sobre os fundamentos éticos para o exercício da prática fotojornalística na atualidade, além do aprofundamento do entendimento da presença das emoções no fotojornalismo para além do conceito de sensacionalismo. Na verdade, tal como conclui o artigo “Fotojornalismo: os afetos como valores-notícia” (SOUZA E SILVA, 2018), a pesquisa evidenciava um percurso investigativo que poderia sistematizar instrumentos teóricos para auxiliar as reflexões sobre os impactos dos afetos na própria prática jornalística como um todo.

O projeto não somente se manteve atento às dinâmicas das redes sociais, mas também buscou analisar outros objetos empíricos que poderiam ser explorados para demonstrar esse alargamento da dimensão afetiva que se supunha presente na fotografia de natureza documental. Destaco, nesse sentido, o artigo “A polarização afetiva da obra de Sebastião Salgado” (SOUZA E SILVA, 2019), que propôs observar uma “guinada afetiva” na obra deste fotógrafo, evidenciada por uma virada temática em seu percurso: Salgado deixaria de lado as sempre polêmicas fotografias de dor e sofrimento que denunciavam as mazelas sociais da humanidade, tal como se via no projeto *Êxodos*, por exemplo, e passaria ao engajamento no projeto *Gênesis*, com suas imagens de natureza e povos indígenas, belas e exuberantes, fazendo de sua obra um movimento de oscilação entre afetos, como medo, desespero e esperança.

Observar essa dimensão afetiva da produção fotográfica contemporânea é um desafio frente à atual realidade tecnológica de produção imagética abundante, sobretudo no contexto das telas conectadas pelas redes sociais. Por essa razão, o projeto de pesquisa atualmente em andamento, “Os excessos da imagem: fotografia em

tempos de abundância nas telas”, propõe a estratégia de investigar produções fotográficas que se mostram responsivas a este cenário de excessos. Ou seja, visa tanto mapear novas formas de expressão da fotografia contemporânea, sobretudo nos seus usos no círculo do fotodocumentarismo, como também contribuir para qualificar o debate e a crítica sobre a inevitável e crescente abundância de imagens nos processos comunicacionais contemporâneos.

Sugere-se uma estética fotográfica que parece ir além do despojamento já detectado nos projetos anteriores, por ser capaz de assimilar e refletir essa realidade das redes sociais emoldurada pelos conceitos de plataforma, algoritmo e dados. É o que busca apontar o primeiro artigo já publicado, “*Photoviz: expressão da fotografia no contexto do Big Data*” (SOUZA E SILVA, 2022), que examina a possibilidade de uso da fotografia para a visualização de dados (*dataviz*): “ao mesmo tempo em que evoca uma dimensão contemplativa”, essa fotografia “adere-se aos pressupostos da abundância e dos cálculos ‘subterrâneos’ do *Big Data*, estes que são aspectos determinantes e sustentadores da vida conectada” (ibid, p. 36).

A abordagem reforça a importância do já citado conceito de *tecnoimagem*, que é capaz de abarcar essa condição numérica e calculante da fotografia. Um conceito que permite não somente analisar esta crescente sinergia entre a prática fotográfica e as telas midiáticas, mas também fazer notar como muitos dos processos de comunicação em andamento retroalimentam uma realidade de intensa costura entre a vida cotidiana e uma tecnoimagética que não cessa de se agigantar.

Referências

- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- LIMA, V. A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.
- MONFRINATO, B. M. F.; SOUZA E SILVA, W. O Instagram e as narrativas de desenquadramento fotográfico. **Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, v. 7, p. 69-81, 2017.
- SOUZA E SILVA, W. (Org.). **Tecnoimagética: vida esparramada em superfícies**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/666>. Acesso em: 13 out. 2022.
- SOUZA E SILVA, W. A condição pós-histórica da fotografia. **Revista Alterjor**, v. 2, p. 1-14, 2014b.
- SOUZA E SILVA, W. A polarização afetiva da obra de Sebastião Salgado. **Líbero**, v. 22, p. 68-77, 2019.
- SOUZA E SILVA, W. Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram. **Tríade**, v. 3, p. 108-123, 2015c.
- SOUZA E SILVA, W. **Foto 0/Foto 1**. São Paulo: Edusp, 2016a.
- SOUZA E SILVA, W. Fotografia e interfaces digitais: convergência entre produção, comunicação e significação. **Revista Geminis**, v. 6, p. 329-340, 2015a.
- SOUZA E SILVA, W. Fotojornalismo e os afetos como valores-notícia. **Discursos Fotográficos**, v. 14, p. 143-162, 2018.
- SOUZA E SILVA, W. Imagem e subjetividade: narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade. **Ciberlegenda**, v. 2, p. 65-75, 2014a.
- SOUZA E SILVA, W. O estatuto documental da fotografia na era digital. **Artciencia.com**, v. 9, p. 1-10, 2015b.
- SOUZA E SILVA, W. Photoviz: expressões da fotografia na era do Big Data. **Revista Fronteiras**, v. 24, p. 24-36, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/24730/60749160>. Acesso em: 13 out. 2022.
- SOUZA E SILVA, W. Redes de imagem e o (tele)fotojornalismo. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, p. 64-73, 2016b.